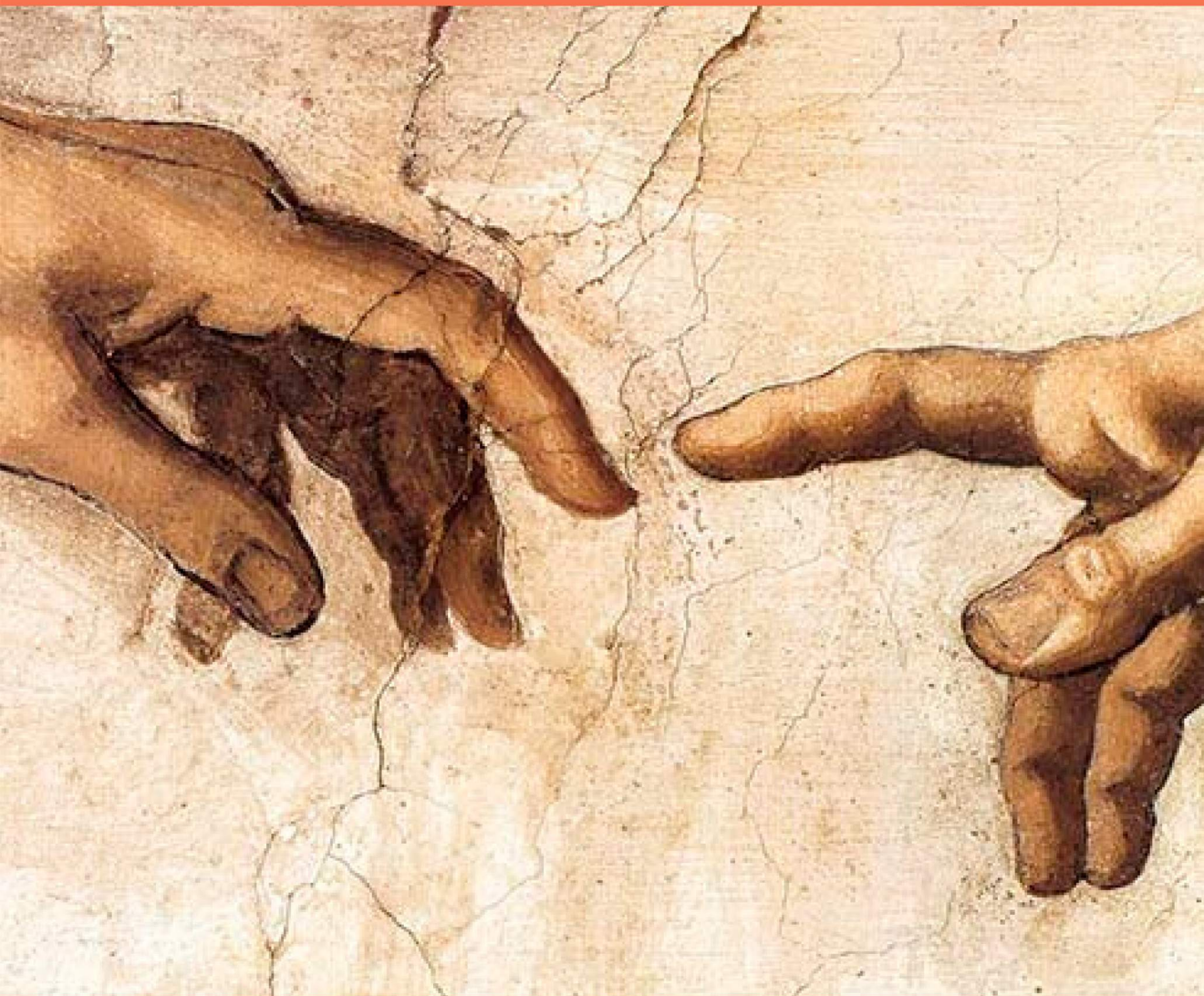


Sandro De Souza Mesquita

# PSICOLOGIA HUMANISTA



## PSICOLOGIA HUMANISTA

Sandro de Souza Mesquita<sup>1</sup>

CRP 04/41043

*O homem precisa unicamente de uma vontade independente, custe o que custar essa independência, e leve onde levar. Bem, o diabo sabe o que é esta vontade... (DOSTOIÉUSKI, Memórias do subsolo, p. 39).*

Em primeira mão, importante situar a nomenclatura dada à abordagem em questão, uma vez que nos deparamos cada vez mais com práticas psicoterápicas - que, por vezes, não passam de meras técnicas isoladas, ou práticas alternativas - às quais se dão o nome de **Psicologia Humanista**.

Também conhecida por **Psicologia Fenomenológico-Existencial**, a abordagem Humanista é, por esta razão mesmo, composta por conceitos e práticas fundamentadas nestas fontes filosóficas, ou seja, a **Fenomenologia, o Existencialismo e o Humanismo**.

Passemos, pois, a análise de cada um em separado, para posterior contextualização.

Da filosofia existencialista a Psicologia Humanista absorveu a perspectiva de ser humano mais afeta ao existencialismo europeu - representado por Husserl - a qual define como **essencialmente livre e dotado de intencionalidade**, e que por essa condição é **auto orientado**, segundo seus propósitos e o sentido que dá à própria existência. Ao contrário do existencialismo americano, pautado na concepção de Rousseau de que a essência precede à existência, sendo a natureza humana, nesse caso, positivamente orientada.

---

<sup>1</sup> Psicólogo clínico

Graduado em Psicologia Clínica - CES - Centro de Ensino Superior - 2012

Pós-graduado em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial e Humanista - Uniara - 2016

Pós-graduando em Gestalt-terapia - fundamentos, prática e ação clínica - Santa Úrsula - 2022

A fenomenologia, por sua vez, influenciou o movimento Humanista na Psicologia ao contribuir com o conceito de **atitude fenomenológica**, ou seja, o estudo do que se dá a conhecer através da experiência, o chamamos propriamente de **fenômeno**.

A fenomenologia defende que existe uma correlação inafastável entre objeto e consciência, não podendo existir uma consciência “vazia”, desatrelada de um objeto, bem como não existe um objeto “em-si”, afastado da percepção através da consciência, sendo esta sempre intencional, quando a intuição - entendida como a visão direta e imediata de um ente - atua fazendo a interligação entre esses dois aspectos.

Assim, mostra-se a fenomenologia, associada ao Existencialismo como uma alternativa das mais viáveis para a estruturação científica de uma abordagem que pretende o estudo do homem, segundo um modelo que seja mais afeto ao subjetivo, contrário à mera explicação causal comum às ciências da natureza.

Humanismo é a designação dada ao *zeitgeist* do período histórico conhecido por *Renascimento* que, por sua vez, foi um movimento sócio-cultural ocorrido na Europa, especificamente na Itália, entre os séculos XIV e XVI, no período que vai desde a Baixa Idade Média até o início da Idade Moderna.

Importante explicitar que o movimento ocorreu em solo italiano dadas as condições sócio-histórico-culturais favoráveis como: a existência de um grupo social composto de cidadãos abastados financeiramente denominado *Mecenas*, os quais literalmente garantiam a subsistência dos artistas, além de provê-los de proteção política e prestígio social; a fuga de intelectuais bizantinos para aquela região, após a queda de Constantinopla; e, principalmente, por ser a região onde foram preservadas a maior parte dos elementos culturais da Antiguidade.

O movimento Humanista designa um momento em que a visão de mundo e da existência passou a centrar-se não mais em Deus, e na natureza, como nos períodos históricos pretéritos, mas sim no **homem em si mesmo**. O homem passa a ser o centro de interesse investigativo, e tudo que ocorre em torno deste ser.

Isso se deu pelo avanço no conhecimento científico daquela época, incomparável em extensão e profundidade a qualquer outro período histórico da humanidade, o que teve reflexo imediato não só no âmbito acadêmico mas na cultura como um todo. Por essa razão, a tecnologia teve igualmente enorme avanço.

A nós nos interessa especialmente os avanços culturais no campo da filosofia, a qual renovou-se nesse período enquanto atividade intelectual, buscando na tradição da Antiguidade Clássica, suas maiores inspirações.

Surgiu nesse período a constatação de que o homem não é só uma criatura, mas também criador, pelo uso da razão e da ciência. Tais posturas foram radicalmente rechaçadas pela Igreja, abrindo o conflito entre ciência e religião. Porém, os pensadores Humanistas buscavam, na verdade, equilibrar a fé e o conhecimento, no sentido de aproximar os pensadores pagãos da Antiguidade aos ensinamentos cristãos, mediante a postura crítica ao observar os fenômenos naturais e a formulação de hipóteses a respeito.

Mais tarde, no século XVII, a revolução científica ocorrida nesse período - somada aos movimentos do Humanismo e do Renascimento - fez crescer uma nova mentalidade, ainda mais crítica, racional e ativa, e acelerou o abalo nas estruturas político-sociais da época, dando fim ao feudalismo e início à chamada Idade Moderna.

Avançando para o século XIX, o pensamento humanista penetra no âmbito da Psicologia, com o desafio de encontrar parâmetros que fundamentassem uma investigação experimental dos fenômenos psicológicos, como parte do mundo físico, ou seja, fora da abstração subjetiva das sensações e dos afetos.

De forma concreta, a Psicologia Humanista só veio a categorizar-se como abordagem psicológica, nos Estados Unidos, já no século XX, mais precisamente na década de 1930. Em verdade, os primeiros trabalhos a respeito do tema só foram publicados na década de 1940, sendo que autores considerados criadores do movimento, como o já citado Abraham Maslow, bem como Carl Rogers e Gordon Allport, só vieram a obter notoriedade na década de 1950.

Na década seguinte é que a Psicologia Humanista consolidou seu caráter institucional, obtendo rápido desenvolvimento e aceitação no ramo da Psicologia. Isso se explica muito pelo contexto sócio-cultural da época, quando surgiram as profundas revoltas políticas e de costumes, contestadoras do chamado *establishment* - referente à ordem ideológica, econômica e política em termos mundiais - e que defendiam um discurso muito próximo aos preceitos da Psicologia Humanista, a chamada **Contracultura**.

O fator em evidência dentre todos esses pesquisadores é a busca de modelos de elaboração do pensamento técnico-científico que sustentassem o **potencial de autorrealização** do sujeito, ou seja, a condição de independência seja a fatores externos, condicionantes do comportamento, ou internos, determinados por forças pulsionais e biológicas.

Tal movimento científico ficou conhecido como “**Terceira Força em Psicologia**”, uma vez que posicionava-se como alternativa e contraponto ao Behaviorismo de John Watson, pela sua ênfase no estudo exclusivo do comportamento fisicamente verificável e, por outro lado, à Psicanálise de Sigmund Freud, devido ao seu engajamento tão somente com o aspecto inconsciente da vivência humana, e sobretudo, pelo foco na patologia, deixando de lado, segundo esses pensadores, as potencialidades saudáveis presentes no ser humano.

O movimento da Psicologia Humanista teve suas críticas à Psicanálise e ao Behaviorismo fundamentadas principalmente nos estudos em Psicologia da *Gestalt* do neuropsiquiatra Kurt Goldstein, e dos primeiros teóricos da personalidade.

A proposta inicial era revolucionar a Psicologia a partir da modificação do prisma com o qual se observa o seu objeto de estudo. Sob o enfoque Humanista o ser humano não seria mais visto como uma resultante de influências antecedentes e consequentes, ou de causas e efeitos. A marca do estudo do ser humano pela perspectiva Humanista é vê-lo através do enfoque fenomenológico.

O ser humano seria visto como um todo em movimento - diferente de a soma de suas partes, como defende a Gestalt-terapia - ou seja, em constante mutação, sendo a única influência condicionante a questão do

sentido que se dá à própria vida, o “devir” no sentido filosófico proposto por Heráclito de Éfeso.

Assim, são **pressupostos básicos** a todas as teorias que se enquadraram dentro da abordagem da Psicologia Humanista, relativos ao seu entendimento sobre o ser humano:

- **visão holística**, defendendo que o ser humano é um todo integrado, diferente da soma de suas partes;
- todo ser humano é dotado de **consciência e percepção** idiossincráticas;
- todo ato humano é **intencional**, portanto capaz de **tomada de decisões**;
- todo ser humano vive por meio e em busca de **relações interpessoais**.

Os pressupostos elementares congregadores da abordagem produzem um entendimento geral de que o ser humano, enquanto organismo, é um **todo complexo** e mais **significativo** do que a simples soma de suas partes individuais (visão holística), plenamente consciente de sua capacidade de percepção e decisão.

Acredita-se, nessa perspectiva que a pessoa em seu pleno funcionamento é **autônoma, orientada e adaptável**, é um ser **único em contínuo processo de transformação**, capaz de direcionar-se conforme suas **escolhas**, e nesse percurso, alterar suas **motivações** segundo seu **projeto de vida**.

Os defensores desta nova abordagem advogam no sentido de que a ciência psicológica deveria apontar a **distinção do ser humano** em relação a todos os outros seres vivos - o homem em si mesmo, como vimos anteriormente - que é **“a medida de todas as coisas”**<sup>2</sup>, conforme conceituado pelo filósofo grego Protágoras, eis que, segundo esse entendimento, todas as coisas existentes - incluindo as imateriais como leis, cultura ou regras sociais - deveriam ser definidas para os seres humanos e

---

<sup>2</sup> "O homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são, enquanto são, das coisas que não são, enquanto não são."

pelos seres humanos; por outro lado, também significa dizer que as coisas são conhecidas e definidas de forma única e pessoal por cada ser humano de *per si*, mas sempre em direção àquilo que diz respeito à espécie humana.

Uma vez livre e auto orientado, o homem não pode eximir-se de se **responsabilizar pelo seu ser** - ou ser-aí, *Dasein*, conforme a concepção Husserliana - e fazer isso de forma plena, em que pese a **angústia** consequência desse enfrentamento da sua condição humana, pois qualquer atitude que se afaste desse compromisso consigo mesmo seria **inautenticidade e má fé**, de acordo com o entendimento de Sartre.

Assim, pode-se dizer que a Psicologia Humanista defende um modelo de ciência do homem, que respeite e seja adaptável às especificidades do referido objeto de estudo.

Prova da intenção de conceder uma caráter científico rigoroso à Psicologia Humanista é a crítica feita por Maslow entre outros aos traços que consideraram anticientíficos e antibiológicos do Existencialismo como o niilismo exacerbado, a glorificação do nada e do absurdo da vida.

Propõem, em contraponto, a análise do sentido da experiência humana como verdadeiro objeto da Psicologia, a partir da descrição da **experiência vivencial** do ser humano, da variedade de experiências possíveis.

Nesse sentido, uma vez que compreendeu-se que não deveriam mais buscar hipóteses e teorias de caráter e aplicação geral, baseadas na existência de relações funcionais entre antecedentes e consequentes, e na regularidade do objeto - (pesquisa nomotética) - defenderam como norte a pesquisa de caráter **idiográfico**, onde vige a relativa autonomia do objeto de estudo - o ser humano - tendo como objetivo a busca da compreensão do **significado da experiência humana**, para além de qualquer teorização ou hipótese a respeito, exceto pela busca por compreender as motivações associadas a tal e qual comportamento, ao invés de suas causas.

A diferença está entre **explicar** e **compreender**. Fenômenos físicos são externos à experiência do investigador, enquanto que eventos psicológicos são anteriores e independentes da experiência do

cientista. Assim, a única forma de se compreender verdadeiramente o fenômeno humano é tentar fazê-lo pela **descrição**, as **conexões de sentido** inerentes a ele.

A Psicologia Humanista, segundo análise de Fromm et al (1987), está pautada em uma abordagem **compreensiva** de pesquisa psicológica, com foco na experiência humana significativa, no contexto real, com vistas a buscar o **sentido da vivência** segundo a perspectiva do próprio sujeito.

A visão humanista na seara da Psicologia pauta-se em uma pressuposição positiva sobre a natureza humana, transcendente às condições circunstanciais, focando nos potenciais de **autorrealização** do indivíduo, sadio ou não, independentemente do contexto ambiental, uma vez que acreditam no comportamento motivado a atender necessidades básicas e de **autoatualização**.

O objetivo da atuação em Psicologia Humanista é o de propiciar as condições para que a pessoa seja o que é, caminhar junto com ela até a recuperação da sua **existência autêntica**, autoconsciente, espontânea, congruente com seus propósitos.

Como já dito, a Psicologia Humanista não teve um só criador, como a Psicanálise teve Freud, e o Behaviorismo, Watson. No entanto, não é exagero afirmar que a “terceira força” teve as suas contribuições mais profundas através dos estudos do eminente cientista e filósofo **Abraham Maslow**.

Suas obras consideradas clássicas no âmbito da Psicologia Humanista são *Motivação e Personalidade* e *Introdução à Psicologia do Ser*, nas quais Maslow propõe a construção de uma Psicologia que chamou de “*Eupsiquiana*”, “*que inclua as profundezas e as alturas da natureza humana*”, ou seja, que pudesse ser construída com base tanto nos preceitos psicanalíticos quanto base científico-positiva da Psicologia Comportamental, sob uma visão metamotivacional.

Embora a *Introdução à Psicologia do Ser* apresente-se como uma “*pesquisa piloto*”, contendo mais teorias, hipóteses e observações do que conceitos bem definidos, estas foram redigidas de



modo que pudessem ser devidamente testadas a sua veracidade, subsequentemente, gerando novas pesquisas.

Maslow indica claramente em seus textos os pressupostos fundamentais da visão humanística desta nova abordagem, que podem ser resumidos da seguinte forma: existe uma natureza humana biologicamente intrínseca, invariável e universal à espécie; por outro lado, parte dessa natureza é singular, e variável, conforme a vivência individual; e a constituição dessas “duas naturezas” pode ser cientificamente estudada, mediante a observação.

Maslow iniciou a sua carreira focado na Psicologia Experimental (abordagem Comportamental), paralelamente afeto à Psicanálise promovida por Alfred Adler, acrescentando a esse referencial a Psicologia da Gestalt, a Teoria Organísmica, e estudos de Antropologia Cultural.

Suas pesquisas tinham foco na **motivação** e na **auto realização**, temas os quais encontrava, a princípio, dificuldade de publicação nos periódicos acadêmicos reconhecidos pela American Psychological Association (APA), uma vez que seus trabalhos não seguiam as tradicionais abordagens da Psicologia Comportamental, da Psicanálise clássica, e da então em voga Psicologia da Gestalt.

Em razão disso, e motivado pelo seu histórico de superação<sup>3</sup> das adversidades, Maslow resolve criar o seu próprio veículo de publicação e divulgação, abrindo espaço para outros psicólogos cujo pensamento trilhava o mesmo caminho, e que também encontravam dificuldade em ver suas obras publicadas.

Nasce a *Rede Eupsiquiana*, anteriormente citada, que mais tarde deu origem ao *Journal of Humanistic Psychology* que, por sua vez, culminou no entendimento da APA pela compreensão do momento oportuno para criação da *American Association for Humanistic Psychology*, na qual estabeleceu-se o primeiro departamento de arquivos de Psicologia Humanista.

---

<sup>3</sup> vide BRANCO, Paulo C. C.; SILVA, Luísa X. B. Psicologia humanista de abraham maslow: recepção e circulação no brasil. Phenomenological Studies - **Revista da Abordagem Gestáltica** - XXIII(2): 189-199, mai-ago, 2017

Quatro propósitos, sob a perspectiva de Maslow, nortearam o desenvolvimento da Psicologia Humanista: 1- necessidade de utilizar os métodos da ciência dominante, expandindo-os aos conceitos e teses humanistas; 2- aproximação com as filosofias fenomenológicas e existenciais; 3- ser a abordagem um meio favorecedor de um modo de vida que afete o indivíduo e a sociedade; 4- transcender para um humanismo que ultrapassasse o humano.

No que tange ao último propósito, na concepção de Maslow, a Psicologia Humanista seria um processo de transição para uma “Quarta Força” em Psicologia, cujo objeto iria para além do humano, focando no cosmo, na transcendência, aqui entendida não como o alcance de um nível superior entre um ser e outro, mas em uma percepção consciencial holística, integradora do ser humano em si mesmo e com outras espécies naturais e do cosmo.

Nesse sentido, Maslow estudou e esquematizou a **motivação humana** através de um processo que chamou de **Pirâmide das Necessidades**.

Através desta teoria Maslow demonstrou que a autorrealização é idiossincrática, ou seja, é individualizada, em seu caráter de percepção e realização. A motivação se funda na **necessidade de realizações**, não necessariamente na falta, mas sim no **desenvolvimento do potencial**, em ser e fazer aquilo que se sabe ser capaz.

Maslow se propõe o estudo dos melhores exemplares da espécie - à exemplo de Albert Einstein - por ele chamados **personalidades auto-atualizadoras**, dando início à tradição humanista de abordar a Psicologia a partir do prisma da **saúde** e do **crescimento psicológico**.

Emos mais tarde, **Carl Rogers** acolheu as ideias de Maslow, dando-lhes um contexto mais prático e criou a sua própria abordagem psicológica, denominada **Terapia Centrada na Pessoa (TCP)**.

Por esta abordagem Rogers defende a dignidade e valor da pessoa, e a busca do crescimento, pelo ponto de vista individual, dando intenso crédito às **forças positivas** do organismo, no sentido da motivação para uma vida mais plena, em suas próprias palavras, *“a realização construtiva das possibilidades que lhe são inerentes”*.

Considerado porta voz da Psicologia Humanista nos EUA, **Rollo May** organizou o primeiro simpósio americano sobre Psicologia Existencial, em 1959, o qual teve como convidados os principais representantes do Movimento Humanista, citados anteriormente, Maslow e Rogers.

Com relação a sua teoria psicológica, May aborda o conceito de inconsciente freudiano e o reelabora considerando o mesmo como uma potencialidade da experiência que ainda não alcançou a consciência, como uma instância psíquica ainda dependente do registro perceptual.

Na visão de May todo ser humano é capaz de alcançar a conscientização sobre a fronteira - e não cisão - entre o ser e o mundo que o cerca. Entendendo-se que conscientização, nesse caso, significa a percepção das inúmeras possibilidades existenciais no momento presente - algo próximo da *awareness* em Gestalt-terapia.

Nesse caso, o objetivo da terapia e, portanto, a tarefa do psicoterapeuta, na relação com o cliente, é clarificar o máximo possível o contexto e os sentidos possíveis do mesmo.

Por sua vez, **Alfred Adler**, buscou referências e influências nos filósofos existencialistas, sobretudo em Kierkegaard e Buber e, indiretamente em Nietzsche.

Fundou sua teoria no fator motivacional humano, afastando-se por completo das ideias psicanalíticas de determinação pela libido, identificou a “busca pela perfeição” como o fator motivacional humano por excelência, sendo certo que a agressividade seria o instinto primário ao qual se subordina essa busca.

Adler defende que a orientação informativa, que se dá na relação psicoterapêutica, mudaria o autoentendimento e seria o estímulo necessário para a autotransformação e adaptação social.

Dessa forma, o tratamento psicoterapêutico, na visão de Adler seria de curta duração e consistiria em conduzir o cliente a autopercepção do seu modo de viver e as melhorias possíveis, sendo incentivado a atitudes práticas que contribuam para seu bem estar e a sua autorrealização.

Outra importantíssima influência a ser colacionada é a retomada pela Psicologia Humanista da **Psicologia da Forma**, trazida aos EUA pelos estudos dos psicólogos e pesquisadores, **Max Wertheimer, Kurt Koffka e Wolfgang Köhler**, cujas publicações vieram a influenciar a abordagem Humanista como um todo, dando origem aos estudos de **Goldstein, Kurt Lewin e Jacob Moreno**, criador do **Psicodrama**.

Outros renomados estudiosos da Psicologia, em que pese originalmente não se incluírem no ramo da Psicologia Humanista, passaram a adotar alguns dos propósitos e paradigmas do pensamento filosófico Humanista, criando as suas próprias abordagens, dos quais citamos nomeadamente: **Viktor Frankl**, criador da Logoterapia e que mais tarde passou a defender a Psicologia Transpessoal; **Erich Fromm**, fundador da Caracterologia; a antipsiquiatria de **Ronald Laing**, e **Fritz Perls**, idealizador da **Gestalt-terapia**.

Verdade que, como se pode perceber, a Psicologia Humanista sempre se portou como uma abordagem aberta e inclusiva de novas ideias, tendências e, principalmente, experimentações as mais diversas - e por vezes pouco ortodoxas - abraçando todos os contestadores do sistema, ou seja, que não seguiam as abordagens do *mainstream* da época, e por isso, marginalizados cientificamente.

Acompanharam essa nova corrente importantes escolas da Psicologia da Personalidade, principalmente as que tiveram berço nos EUA, por expoentes dessa área, como **William James, Gordon Allport, Henry Murray**.

Justamente por isso, foi e continua sendo uma abordagem que se tornou revolucionária ao propiciar o estudo, experimentação e aplicação de teorias e técnicas inovadoras no campo do **crescimento e desenvolvimento do potencial humano**.

Por fim, resta acrescentar a leitura psicopatológica da Psicologia Humanista, dada a sua singularidade em relação às demais abordagens psicológicas.

Em se tratando de uma abordagem que vai buscar o **desenvolvimento do potencial, com foco na estrutura sadia do sujeito**, é de

se esperar que pensemos ser uma abordagem que exclui a patologia do seu campo de estudos.

Porém, como já dito, nunca foi o propósito dos psicólogos humanistas retirar do foco de estudo os transtornos mentais, porém, trata-se de uma vertente que rompe com os padrões de saúde até então dominantes, posto que não procura categorizar ou excluir o indivíduo com um laudo psicopatológico.

O olhar humanista para as psicopatologias recai sobre a **pessoa - holisticamente - e a relação interpessoal** estabelecida no processo terapêutico.

O que não significa dizer que ignorar-se-ia toda a psicopatologia e o lado adoecido do sujeito - entendido por esta abordagem como o **bloqueio do desenvolvimento natural**, devido a fatores externos - apenas seria dada **ênfase à porção sadia do ser**.

O sujeito não mais é visto como um objeto passível de rotulação e, principalmente, ao qual se deve transportar ao estado saudável. A compreensão do adoecimento na Psicologia Humanista é composta da dimensão existencial do sujeito, o que se observa através da **relação intersubjetiva entre cliente e psicoterapeuta**.

Inspirados na filosofia de fontes como Husserl e Heidegger, a **Psicopatologia Fenomenológica** preocupa-se com a dimensão existencial do sofrimento do sujeito que adoece mentalmente, porém não se prendendo a dados subjetivos, mas dando prioridade ao fenômeno que se manifesta e o significado deste para quem o experiencia.

Essa postura, cumpre salientar, ultrapassa a lógica psiquiátrica classificatória, dicotômica e explicativa, sendo os transtornos mentais tratados como uma **condição de possibilidade de uma existência adoecida**.

Isso não quer dizer que a Psicologia Humanista não vá tratar a patologia identificada, porém, pautados nos postulados centrais de capacidade de **autorregulação** e na tendência ao crescimento, ou seja, **autoatualização**, os psicólogos humanistas atuam no sentido de estimular a ocorrência de uma **mudança terapêutica** significativa, tudo isso através da

relação interpessoal estabelecida entre cliente e terapeuta, colocando o homem no centro do estudo, para além da doença.

Em suma, a Psicologia Humanista, a princípio considerada ingênua e utópica, foi pouco a pouco adquirindo a adesão de mais e mais pensadores e pesquisadores que tiveram a coragem e ousadia de exercer testes empíricos baseados nesse referencial, propiciando sucesso para aceitação de suas práticas, consolidando-se como uma área da psicologia afinada ao *Zeitgeist* de nossos tempos, funcionando como meio de suporte às constantes crises, ao sentimento de desesperança, e a busca de uma vida mais autêntica e verdadeiramente humanizada.

## REFERENCIAS:

BOAINAIM, Elias. **Tornar-se Transpessoal: Transcendência e Espiritualidade** na obra de Carl Rogers. Summus Editorial, 1998. p. 23-40: A psicologia Humanista.

BRANCO, Paulo C. C.; SILVA, Luísa X. B. **Psicologia humanista de Abraham Maslow: recepção e circulação no Brasil**. Rev. abordagem gestalt. Goiânia, v. 23, n. 2, p. 189-199, ago. 2017. Disponível em

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672017000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000200007&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 out. 2019.

FRIEDRICH, S. M. ALFRED ADLER. disponível em <<https://www.febrapsi.org/publicacoes/biografias/alfred-adler/>>. Acessos em 18 out. 2019.

Giovanetti, J. P.. **O impacto das idéias humanistas, fenomenológicas e existenciais na Psicoterapia.** Em *Anais dos Encontros Mineiros de Psicologia Humanista* (pp. 90-93). Belo Horizonte, Grupo Mineiro de Psicologia Humanista, 1994.

JACÓ-VILELA, A. M. et al. **História da psicologia: rumos e percursos.** Rio de Janeiro : Nau Ed., 2006

MAY, R. **Psicologia existencial.** Tradução e ensaio introdutório de Ernani Pereira Xavier. 4. ed. Rio de Janeiro : Globo, 1986.

MASLOW, A. H. **Introdução à Psicologia do Ser.** Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca, s/d. Disponível em <https://www.sabedoriapolitica.com.br/products/introducao-a-psicologia-do-ser/> - Acessos em 10 de outubro de 2019.

PONTE, C. R. S.; SOUSA, H. L. . **Reflexões críticas acerca da psicologia existencial de Rollo May.** *Rev. abordagem gestalt.*, Goiânia , v. 17, n. 1, p. 47-58, jun. 2011. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672011000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000100008&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 20 out. 2019.

SOUZA, Camila Pereira de; CALLOU, Virgínia Torquato; MOREIRA, Virginia. **A questão da psicopatologia na perspectiva da abordagem**

centrada na pessoa: diálogos com Arthur Tatossian. *Rev. abordagem gestalt.*, Goiânia , v. 19, n. 2, p. 189-197, dez. 2013 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672013000200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000200006&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 19 out. 2019.

TAVARES, M.. *Validade clínica*. *PsicoUSF*, Itatiba , v. 8, n. 2, p. 125-136, dez. 2003 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-82712003000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712003000200004&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 out. 2019.

UILARINHO, S. *Humanismo*. *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/humanismo.htm>. Acesso em 02 de setembro de 2019.